



O ESTILO DE DEUS

No último suplemento literário do jornal "Le Monde" vários artigos são dedicados às novas edições em França das obras de Santo Agostinho. Há anos que não pensava nele, longe que vai a leitura de "As confissões". Mas o que é dito neste suplemento dá-me um grande desejo de mergulhar de novo na sua obra. Porquê vir dizer-vos isto? Por duas razões: por um lado, porque das conversas do verão ficou-me a certeza de que há no Graal gente com o grande desejo de ir às fontes; por outro lado, porque um dos artigos é em si mesmo uma meditação, escrito embora por um escritor que julgo não ser crente e que tem uma formação literária e psicanalítica excepcionais (para as que trabalham na linguística, é o marido de Julia Kristeva). É esse artigo de Philippe Sollers que traduzi, num sábado à tarde, num momento raro de ócio para fazer só o que me dá muito gosto...

Esqueçamos que Agostinho é um santo, um bispo, um padre da Igreja; abramos os seus livros e ponhamo-nos a ler: a sensação de frescura e de urgência é imediata, dir-se-ia que a tinta ainda não acabou de secar e está ali, azul, diante dos nossos olhos. As "Confissões" foram escritas no fim do século IV? E nós estamos a entrar no terceiro milénio? Não tem importância, um jovem escritor fala-nos ao ouvido, o seu latim eléctrico leva a língua francesa para lá dela mesma, nada de anormal, de resto, porque é questão do tempo e da sua substância que nós julgamos medir sem a ver.

Agostinho era um músico. Primeiro, a força da interrogação, como se ele chamasse com todas as forças. Em seguida, a narrativa, desde o seu nascimento até à suspensão do percurso. A meditação toma então a sua vez, e é enfim o canto poético, como uma cascata de salmos. Basta sentir que Deus é a linguagem em pessoa, que ele envolve, modela e apoia tudo, mesmo que o não saibamos. A audácia consiste em tratá-lo por tu cada vez mais fundo para saber dizer "eu" com plenitude. Eu sou um outro. Falarei a este outro. Tenho de aprender a lê-lo, a escutá-lo, como uma língua estrangeira que é verdadeiramente a minha mas de que uma força negativa tenta desviar-me. A conversa vazia não para, pulula o falso saber. Deus, ele, é "mais interior do que o íntimo de mim mesmo; mais elevado do que o mais elevado de mim mesmo". Antes de tudo o mais tenho de tornar-me para mim "um imenso enigma". Quem sou? Que vim fazer aqui através do meu nascimento biológico? Fui atirado para uma vida moribunda ou para uma morte viva? Onde está a resposta? Onde está a questão decisiva?

As "Confissões" atravessam a história da metafísica e da literatura. Elas furam literalmente dezasseis séculos, como um testemunho de procura, de perda e de exaltação. É a Bíblia vivida

de dentro como uma necessidade de existência. Encontra-se Agostinho um pouco por todo o lado, em Dante, Pascal, Rousseau, Hegel, Rimbaud, Freud, Proust, Claudel, Artaud, Bataille, Husserl, Heidegger. Não se pode imaginar que alguém tenha encarado escrever as suas memórias sem pensar nele (Chateaubriand, é claro, mas também, e mais surpreendentemente, Casanova). *"O tempo não descansa nem circula inactivo através dos nossos sentidos; realiza na alma operações assombrosas."*

Trata-se de sair de uma *"enorme fábula"* para atingir a dimensão *"onde o Verdadeiro tem sabor"*. Tudo se joga no coração (palavra agostiniana por excelência). O céu, os astros, o sol, a lua, as coisas exteriores em geral, as discussões, as teorias, os cálculos têm de passar pelo coração. Deus *"concentra e reequilibra"* o coração. Agostinho, na sua época (mas será que a nossa é assim tão diferente?), tem de se libertar de um fluxo contínuo de superstições e de preconceitos, que vão da astrologia à depressão grave (*"tudo me fazia horror, tudo, até a luz"*). A corrupção e o mal impedem-no, na realidade, de conceber o nada que seria uma libertação imediata. No entanto, como que retirado da cena, alguém vela, faz sinal, conduz, prepara. *"A Sabedoria, sem ter necessidade de nenhuma luz, ilumina as inteligências carentes e governa o mundo até às folhas em rodopio que caem das árvores."*

A questão, constantemente retomada é de *"voltar a si"*. Aqui, uma experiência: *"Por um instante perdi consciência, a minha loucura entorpeceu, e eu despertei em ti, e vi-te infinito de uma maneira diferente, porque esta forma de ver não procedia dos sentidos carnis"*.

É muito estranho que Agostinho funde a sua certeza sobre a leitura. É para ele uma actividade decisiva, e tudo se passa como se o diabo, no seu poder mundano de inveja e de morte, não tivesse por obsessão senão desviá-la e impedi-la. Ler, é despertar: *"Lia e ardia. Não sabia que fazer face a esses surdos e a esses mortos, de que tinha feito parte, eu, o flagelo, o que bramava amargo e cego, enfrentando as Escrituras que escorriam mel, o mel celeste, e resplandecentes de luz, da tua luz..."* Mas ler, é sobretudo entrar em si mesmo, aprender a considerar-se como um mundo de sinais, de mensagens codificadas, de equívocos. Em suma, o diabo não quereria que eu me decifrasse a mim mesmo, enquanto Deus não quer outra coisa. Descoberta surpreendente, mas que explica sem dúvida as paixões tanto clericais como anti-clericais. Não lerás por ti próprio, eis o que os poderes têm a dizer a cada um. Possuir o sentido, a interpretação, o saber, o sagrado, é a verdadeira preocupação dos séculos. A experiência interior directa perturba sempre a vigilância do espectáculo das gerações e das corrupções.

O Verbo, ele, *"permanece em si mesmo e não envelhece nunca"*. Mais: *"renova todas as coisas"*, tem portanto, na sua antiguidade vertiginosa, a prioridade sobre toda a novidade. A prova está na célebre meditação de Agostinho, aqui extraordinariamente inovador,



sobre "os vastos palácios da memória". Existe de uma outra forma diferente da que ele crê: é mais amplo, mais diversificado, mais profundo do que ele próprio imagina. Em suma, descobre que passa o seu tempo a ignorar o tempo, a reduzir-se reduzindo-o, a aceitar a falsa imagem que os outros têm dele, quando está cheio de "esconderijos", de "cavernas", de "misteriosos recônditos sem nome", cuja persistência o sono o obriga a reconhecer. "Não posso agarrar tudo o que sou. O espírito seria então demasiado estreito para se possuir a si próprio?"

Chega-se assim a esta hipótese enorme: Deus é um escritor constantemente censurado, mal lido, sobre-interpretado, mumificado, recitado sem ser compreendido. É um escritor da felicidade, da alegria e da verdade, combatido por um inimigo "imitador tortuoso, que quer fazer de nós servidores tenebrosos e frios". Agostinho, pelo contrário, escreve por amor, exulta tremendo, cheio de uma "misteriosa doçura". "Não é para nada que tu deixaste escrever tantas páginas secretas e misteriosas; florestas com os seus veados, repousando-se nelas, passeando, deitando-se nelas, ruminando..." Deus é o escritor do próprio Tempo: "O teu dia não está no dia após outro dia, mas no hoje." Não para de criar, e, ao mesmo tempo, repousa. É um e três. Agostinho tem esta fórmula fulgurante que anuncia o seu grande tratado sobre a Trindade: "Numa simplicidade que é ao mesmo tempo multiplicidade, o Infinito encontra o seu fim em si mesmo." Não sem humor, acrescenta: "Que compreenda quem puder! Que te peça a graça para isso!" Deus escreve e faz-se ler através dos Anjos que são eles próprios ao mesmo tempo: "leitura, eleição, ternura amorosa". Numa das experiências cruciais da sua vida, encontrava-se então num jardim, Agostinho conta que ouviu uma voz que dizia: "Toma, e lê!" estava lá um livro, como por acaso, aberto sobre uma página de S. Paulo. Tinha chegado o momento de Agostinho se inserir por sua vez no grande livro.

Tome 1: "Confessions; Dialogues philosophiques",
Gallimard, "Bibliothèque de la Pléiade", 1.584 pg.

